



Gêneros Jornalísticos na Revista O Cruzeiro¹

Ranielle Leal Moura²

Universidade Metodista de São Paulo

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo da Revista O Cruzeiro tendo como foco principal os gêneros jornalísticos praticados por essa publicação ao longo dos 47 anos em que pertenceu a Assis Chateaubriand/ Diários Associados. Com dois objetivos principais, procurou-se identificar, primeiramente, os gêneros, formatos e tipos de textos jornalísticos presentes na revista entre 1928 e 1975, além de definir as peculiaridades do jornalismo informativo do periódico. Por outro lado, procurou-se descobrir quais as principais temáticas abordadas pela mesma. Ambos os esforços foram realizados com o intuito de definir o perfil de O Cruzeiro. O trabalho foi pautado em duas metodologias, a primeira, Análise Formal que foi utilizada, sobretudo, na identificação dos gêneros a partir da Teoria dos Gêneros Jornalísticos. A segunda metodologia foi a Análise de Conteúdo por Construção Iterativa utilizada no momento da identificação das temáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Revista O CRUZEIRO, Gêneros Jornalísticos, Temas Jornalísticos.

INTRODUÇÃO

Foi quase ao final da segunda década do século XX que surgiu no mercado editorial de periódicos brasileiros a revista que se tornaria um ícone entre todas as publicações até os dias atuais. O Cruzeiro nasceu moderna e assim se colocava. Surgiu em um cenário em que o país e, sobretudo, os estados do sudeste iniciavam um acelerado processo de desenvolvimento econômico e social. A intenção de seus redatores era traduzir os ares do novo momento que se anunciava no Brasil e no mundo.

O Cruzeiro nasceu como uma revista semanal ilustrada e evoluiu para uma publicação na qual o jornalismo chegou a predominar sobre os demais conteúdos. Seus primeiros exemplares eram de fato ousados, traziam matérias futurísticas que anunciavam um Brasil completamente adaptado às novas tecnologias e planejado para se tornar uma potência econômica.

A trajetória de O Cruzeiro foi repleta de altos e baixos. Enfrentou momentos de grandes dificuldades, assim como, momentos de muito sucesso, sobretudo, na década de

¹ Trabalho apresentado na DT1 – GP Gêneros Jornalísticos, XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2011.

² Jornalista formada pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), possui MBA em Marketing Executivo pela Fundação Getúlio Vargas e mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.
e-mail: rani.leal@uol.com.br.



1950 quando as reportagens fotográficas proporcionaram uma nova experiência ao leitor brasileiro. Contudo, nas duas últimas décadas de vida, passou por dificuldades até julho de 1975, quando encerrou sua participação como veículo dos Diários Associados.

O *Cruzeiro* como revista ilustrada tratava de temas que iam de dicas de moda, de decoração, a assuntos sociais, educação, saúde, obras e, em meio a tudo isso, a política tanto em âmbito nacional como internacional sempre teve seu espaço na publicação.

Diante deste contexto, faz-se mister conhecer com maior acuidade os gêneros jornalísticos praticados pela revista brasileira que alcançou maior aceitação popular em todos os tempos, possuindo tiragens quase inultrapassáveis (só foi ultrapassada pela Revista *Veja*, mas, somente no século XXI), porém se formos levar em consideração o desenvolvimento de um país e o crescimentos de sua população, vê-se que o feito de *O Cruzeiro* não foi superado por nem uma outra revista em termos relativos.

REVISTA O CRUZEIRO: HISTÓRIA E JORNALISMO

Em termos históricos, a trajetória de *O Cruzeiro* se inicia no longínquo ano de 1927, quando Getúlio Vargas é Ministro da Fazenda do Governo de Washington Luís (1926-1927) e Assis acabara de comprar o *Diário de Notícias* (Porto Alegre). Em sua ânsia de crescer infinitamente como empresário, Chateaubriand alimenta a ambição de conseguir um “produto” capaz de atingir o Brasil em sua totalidade. É quando se informa de que o jornalista português Carlos Malheiros Dias planejava editar uma revista em esfera nacional, chamada *Cruzeiro* (sem o artigo **O** precedente), mas fracassara por falta de recursos financeiros.

Chatô se inteira de quanto custaria para dar andamento aos planos, indenizar Malheiros Dias e lançar a revista. Sem dinheiro suficiente, procura ajuda financeira junto ao amigo Getúlio Vargas, em sua condição de Ministro. Maravilhado com a proposta, Vargas decide ajudá-lo. Apresenta-o ao banqueiro Antônio Mostardeiro, dono do Banco da Província e também presidente do Banco do Brasil (BB), que concede um empréstimo imediato de 250 contos, com a condição de Chatô pagar o empréstimo assim que o negócio começar a render. O jornalista assume o controle da empresa de Malheiros, a Gráfica *Cruzeiro S/A* e começa a trabalhar em seu projeto.

No ano seguinte, na tarde de 5 de dezembro de 1928, a primeira edição de *O Cruzeiro*, com data de 10 de novembro de 1928 (ACCIOLY NETTO, 1998) é divulgada à população brasileira, em meio a muitas e animadas e movimentadas comemorações, como visto. Do alto de edifícios do RJ, lançam-se cerca de quatro milhões de folhetos



contendo anúncio da chegada de uma revista semanal, que além de contemporânea dos gigantescos arranha-céus, “tudo sabe, tudo vê” (MORAIS, 1994, p. 187).

E mais, numa nação, onde, à época, a comunicação é ainda bastante atrasada, no dia 10 de dezembro de 1928, acontece um fato totalmente inédito. Como diz Moraes (1994, p. 187), “a Revista *Cruzeiro* estava nas bancas de Belém a Porto Alegre, simultaneamente”. Até nos países vizinho, Argentina (Buenos Aires) e Uruguai (Montevideu), nas bancas de revistas, é possível encontrar fascículos da nova publicação e da mesma edição brasileira, mas traduzida para o espanhol. Eufórico com o sucesso, Chateaubriand encaminha os primeiros exemplares, em forma de agradecimento, ao Ministro Getúlio Vargas e ao “padrinho e patrocinador” Antônio Mostardeiro.

A campanha publicitária induz os brasileiros a comprar a Revista *Cruzeiro*. A edição do primeiro número ostenta uma capa cheia de cores em que paira a imagem hiper-realista de uma mulher provocante e melindrosa, com unhas cintilantes, sombra nos olhos e boca pintada. Contemplando a atmosfera sobre a imagem feminina da capa, as cinco estrelas de prata da constelação do Cruzeiro do Sul, fonte inspiradora do nome da revista.

Tudo justifica o sucesso imediato. São muitos os artifícios publicitários. Por exemplo, cartazes afixados nas cidades anunciam que *O Cruzeiro* sai a cada sábado. Seu valor é acessível – um mil réis – e a propaganda chama a atenção para o caráter inovador do veículo, que emprega em sua impressão a moderníssima técnica da rotogravura. E há o destaque posto a uma linha abaixo do título, que diz: “Revista Semanal Ilustrada” (BAHIA, 1990).

É óbvio que o aparecimento da revista se entrelaça de forma natural com a história do Brasil, desde o nome adotado para ela. Afinal, Cruzeiro é a constelação que guia os navegantes no hemisfério sul. Talvez por isto, conste como fonte de inspiração para uma das primeiras designações dadas ao País – Terra de Santa Cruz. Cruzeiro também faz parte da história brasileira como moeda nacional. Desta forma, é, ao mesmo tempo, um símbolo cristão e um símbolo-síntese da nacionalidade brasileira. Quer dizer, *O Cruzeiro* pode ser visto *per se* como um projeto editorial que inclui, no próprio título, um programa de patriotismo, que ganha força com os discursos de Vargas no poder e se espalha pelo País, com rapidez, por conta das aspirações de Chatô.

O Cruzeiro se torna o grande semanário nacional. Os procedimentos estratégicos para conquistar audiência são muitos e diversificados. Há a intenção explícita de manter



interatividade com o público-alvo, mediante política de correspondência com o público, recebendo suas cartas e publicando opiniões dos leitores. Fora isto, o semanário continua a usar muitas ilustrações e também há a distribuição de prêmios variados. São concursos com a participação da população, visando sempre ganhar, cada vez mais, novos leitores:

A revista não dispensa a promoção como meio para alcançar popularidade e prestígio. Lança semanalmente concurso de arquitetura, fotografia. Em 1929, procura uma Miss Brasil para concorrer ao título da beleza universal e, no ano seguinte, elege Yolanda Pereira, uma brasileira, Miss Universo (BAHIA, 1990, p. 187).

No primeiro período, *O Cruzeiro* mantém seções de curiosidades, matérias, reportagens, artigos, coluna social, culinária, moda, esporte, *charges* internacionais, crônicas e contos de autores famosos, a exemplo de Malba Tahan (Júlio César de Mello e Souza), escritor e matemático brasileiro, que, por meio de seus romances, se transforma num dos maiores divulgadores da matemática no País. Há, ainda, o português José Maria de Eça de Queirós, cuja novela *O crime do Padre Amaro* é considerado como a obra-prima do romance realista português do século XIX.

Independentemente da seção particular, em praticamente todos os textos, as fotos materializam o clima do artigo, do comentário ou da reportagem. São poucas as páginas que não contêm, no mínimo, um anúncio distribuído para atrair a atenção dos cidadãos. No entanto, a consolidação do periódico no mercado editorial só se efetiva na década seguinte. Gradativamente, face às informações que incorpora, como antes dito, desde matérias jornalísticas a conhecimentos culinários, *Cruzeiro*, passo a passo, acresce seu público leitor. Com 47 páginas, além de acrescentar o artigo **Q** ao título original, a revista inicia sua trajetória em direção à expansão, que prossegue nos próximos decênios.

Em 1930, começa a se impor por suas grandes reportagens. O primeiro número do mês de novembro tem um só destaque: a deposição do Presidente Washington Luís. Na verdade, a edição traz muitos benefícios para o periódico, uma vez que, por conta da farta reprodução fotográfica dos fatos, termina por figurar como documento histórico auxiliar para registro, estudo e compreensão dos acontecimentos. Quer dizer, naquele momento, *O Cruzeiro*, além dos textos escritos, documenta, graças às imagens fotográficas, os acontecimentos para compreensão futura da história do Brasil.

Ainda na mesma edição de novembro, aparecem 27 fotografias distribuídas em cinco páginas sobre a vitória da Revolução de 30. A edição seguinte dá início à



construção do mito que se forma, gradativamente, em torno de Getúlio Vargas, empossado como Presidente da República, no dia 3 de novembro de 1930, com as seguintes promessas: “[...] extirpar os males dos governos passados e implantar um programa de desenvolvimento para o País” (CALDEIRA, 1997, p. 264).

O clima de união sagrada se despedaça em 1932. Ao lado dos constitucionalistas, Chateaubriand rompe com Vargas. Diante das críticas dirigidas ao Governo pelos veículos de Chatô, o Presidente censura os *Diários Associados*, toma *O Jornal* e proíbe por longos “três meses” a edição de *O Cruzeiro* (MORAIS, 1994, p. 278). Somente depois de dois anos do rompimento total, Assis rende-se e aceita as condições impostas pelo Governo para retomar o controle de seus *Diários*... Submete-se ao modelo imposto pela ditadura de Vargas e transforma seus veículos de comunicação em instrumentos de propaganda explícita do Estado Novo.

No entanto, com o transcurso do tempo, nem o passado de glória de uma revista que desvenda segredos e descobre um novo Brasil para muitos brasileiros impede o fechamento de suas portas, em 1975, com uma equipe diminuta e ínfima vendagem.

GÊNEROS JORNALÍSTICOS

No Brasil foi a partir da segunda metade do século XX, que os teóricos da comunicação passaram a se dedicar à sistematização dos gêneros jornalísticos. A maioria deles se ocupou com classificações por categorias. E, embora haja divergência nos critérios de classificação, a maioria dos autores enquadra a notícia, a reportagem e a entrevista como jornalismo informativo. Exemplo disso, seriam as classificações de Melo e Beltrão (BONINI, 2004, p.205).

Ao sistematizar os gêneros jornalísticos, Beltrão adota o critério funcional. Quer dizer, leva em conta as funções que os enunciados exercem junto ao público: informar, explicar ou orientar. Como notícia e reportagem mantêm a função primordial de informar, considera esses gêneros como pertencentes ao jornalismo informativo. Marques de Melo, por seu turno, analisa as circunstâncias determinantes dos relatos jornalísticos e segue os critérios de intencionalidade e de reprodução da realidade, agrupando os textos em jornalismo opinativo e informativo, incluindo notícia, reportagem e entrevista neste último.

Esclarecemos que a classificação elaborada por Beltrão (1969, 1976, 1980a, 1980b) trabalha com os gêneros informativo, interpretativo e opinativo. No primeiro, estão os formatos: notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem. No gênero interpretativo, o formato reportagem em profundidade. Por último,

no gênero opinativo, os formatos: editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor.

Marques de Melo (2003), em ampla pesquisa em jornais brasileiros, verifica, à época de sua tese de livre-docência, a existência de somente dois gêneros: informativo e opinativo. No que diz respeito à forma de apresentar as informações, identifica quatro formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista. Para o gênero opinativo, há oito formatos: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

Em sua trajetória e atualização, Marques de Melo (2009) propõe, agora, nova classificação. Além dos dois gêneros identificados (informativo e opinativo), adiciona outros três: (1) interpretativo, com os formatos: análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê; (2) utilitário, com as respectivas modalidades: indicador, cotação, roteiro e serviço; (3) diversional: história de interesse humano e história colorida.

Ambos os estudos, tanto de Marques de Melo quanto de Beltrão, focalizam, como dito, o jornalismo impresso. Mesmo assim, há diferença entre a visão dos dois em relação às definições e às classificações dos gêneros. Isto decorre, principalmente, porque o contexto jornalístico no qual se encontram inseridos é distinto. Beltrão se situa num cenário histórico e jornalístico entre o final da década de 60 e início dos anos 80, quando o jornalismo opinativo prevalece. A produção de Marques de Melo emerge em meados do decênio de 80, quando, de forma majoritária, começa a predominar o jornalismo meramente informativo e / ou interpretativo.

É importante destacar esse referencial histórico para que possamos entender as aparentes contradições entre eles. Reiteramos: quando Marques revisa as obras de Beltrão, o contexto histórico jornalístico já é outro, sobretudo, no que respeita aos impactos da tecnologia. Isto porque, as duas propostas estão fundamentadas em critérios similares:

As propostas de [...] Luiz Beltrão (1980[a], [1980b]) e de José Marques de Melo (1985), citado por todos os pesquisadores da área no Brasil, estão fundamentadas em critérios como: (1) finalidade do texto ou disposição psicológica do autor, ou ainda intencionalidade; (2) estilo; (3) modos de escrita, ou morfologia, ou natureza estrutural; (4) natureza do tema e topicalidade; e (5) articulações interculturais (cultura).

A maioria dos autores que trabalhou na classificação de gêneros jornalísticos esteve baseada na separação entre forma e conteúdo, o que gerou a divisão por temas, pela relação do texto com a realidade (opinião e informação) e deu vazão ao critério de intencionalidade do autor, que realiza uma função (opinar, informar, interpretar, entreter) (SEIXAS, 2004, p. 3).



Assim, reiteramos que os dois autores relatam as fases do jornalismo, apontando suas especificidades. Demonstram que a problemática dos gêneros jornalísticos estrutura-se como um campo que gera estudos através de suportes midiáticos. Isto significa que Luiz Beltrão e José Marques de Melo traçam esquemas do “fazer jornalístico” baseados nos gêneros jornalísticos e se discordam em alguns pontos, suas análises convergem no essencial: de uma forma ou de outra, os dois adotam, como raiz de raciocínio, os dois gêneros primordiais citados. Além do mais, lembramos que debates e críticas “[...] acabam por desempenhar papéis relevantes, que proporcionam a evolução das pesquisas” (VAZ, 2009, p. 40).

Por fim, para além do ambiente brasileiro, os gêneros jornalísticos têm sido estudados com destaque e cuidado por sua relevância na estruturação do texto jornalístico. São eles fatores primordiais na boa condução do processo de produção da notícia e de recepção.

GÊNEROS JORNALÍSTICOS PRESENTES NA REVISTA *O CRUZEIRO*

Para este trabalho realizamos uma análise dos exemplares da Revista *O Cruzeiro* com vistas à identificação dos gêneros jornalísticos praticados por essa publicação durante o período em que pertenceu a Assis Chateaubriand e aos Diários Associados, a saber: de 1928 a 1975.

Desta forma, considerando o caráter histórico do objeto proposto para análise, a metodologia a ser adotada compõe-se na interdisciplinaridade entre o jornalismo, seus gêneros e o aporte histórico e contextual no qual se insere o objeto de pesquisa acima mencionado.

Neste panorama, teremos como paradigma Teórico-Metodológico a Teoria dos Gêneros Jornalísticos a partir da visão de Marques de Melo (2003, 2009, 2010), em cujas pesquisas nos embasamos para determinar as nossas categorias de análise. Contudo, optamos por utilizar o Modelo Misto de definição de categorias, considerando que o objeto analisado é temporalmente distante dos objetos analisados por Marques de Melo, pois suas pesquisas datam de 1980 até os dias atuais. Por outro lado, consideramos, sobretudo, que a Revista *O Cruzeiro* era uma revista semanal ilustrada com grande ênfase na informação pela imagem, o que por si só, já se diferencia dos periódicos atuais e abre um leque de possibilidades formais e textuais.

O Modelo Misto de definição das categorias analíticas permite que estas sejam selecionadas previamente e que, posteriormente, sejam acrescentadas novas,

encontradas durante o processo de análise, ou mesmo, que as categorias iniciais sejam modificadas ou suprimida (LAVILLE & DIONE, 1999, p. 222).

Deste modo, começamos o nosso percurso pelas páginas de *O Cruzeiro* adotando o modelo de Marques de Melo, mas conscientes de que algumas nuances poderiam se sobressair e que novos gêneros, formatos ou tipos poderiam ser localizados, dado a riqueza do material que tínhamos em mãos.

Por fim, e, visando facilitar o processo de mapeamento, utilizamos a metodologia de análise quantitativa a partir da UI- Unidade de Informação³, conforme Morin (1974, s/p), como também no segundo momento da investigação adotamos o uso da UC- Unidade de Conteúdo⁴ (Laville e Dione, 1999, p.217). Neste contexto, detalhamos no **Quadro 1** as categorias iniciais de nossa pesquisa.

QUADRO 1 – Categorias de Análise iniciais - Classificação de gêneros e formatos, José Marques de Melo

Gênero informativo	Nota Notícia Reportagem Entrevista
Gênero opinativo	Editorial Comentário Resenha ou crítica Coluna Crônica Caricatura Artigo Carta
Gênero interpretativo	Análise Perfil Enquete Cronologia Dossiê
Gênero utilitário	Indicador Cotação Roteiro Serviço
Gênero diversional	História de interesse humano História colorida

Fonte: Investigação direta

³ Que determina para cada forma de texto jornalístico um todo a ser analisado independente do tamanho ou espaço ocupado pelo mesmo.

⁴ A Unidade de Conteúdo deve ser compreendida como uma unidade de sentido, sendo útil e bastante eficaz na pesquisa temática.

Além dos gêneros, formatos e tipos acima expostos, utilizamos ainda no gênero utilitário, o formato Dica, conforme proposto por Vaz (2009)⁵.

Por outro lado, considerando a liberdade do Modelo Misto de definição das categorias analíticas e o resultado do processo do estudo do jornalismo praticado por *O Cruzeiro*, que ao final nos proporcionou, entre outras coisas, a identificação de outros Tipos e Formatos, que não caracterizaremos como novos, já alguns possuem semelhança tanto com os gêneros fotojornalísticos propostos por SOUSA (2001) como com alguns formatos propostos por Beltrão (1969), é que encerramos abaixo a nossa relação de categorias, que por sua vez, corresponde à nossa classificação final de gêneros e formatos. Neste ponto, é válido esclarecer que optamos por apresentar as formas encontradas em *O Cruzeiro*, sobretudo, as que se referem à informação pela imagem, como outros Tipos e não como outros Gêneros ou Formatos, pois, entendemos o Fotojornalismo como uma forma de Jornalismo e não como uma linguagem informativa distinta deste último.

Por fim, localizamos no gênero opinativo, um formato diferente dos existentes e que denominamos de Foto-Opinião, além de outros tipos opinativos como Foto-coluna e Coluna-Charge. A seguir podemos conferir o **Quadro 2**, os formatos e tipos identificados por nós e que fecham a nossa relação de categorias.

QUADRO 2- Categorias de Análise complementares- Formatos e Tipos localizados em O CRUZEIRO

Gênero informativo	
Formato Nota	Tipo Foto-Nota
Formato Notícia	Tipo Foto-Notícia
Formato Reportagem	Tipo Fotorreportagem
Gênero opinativo	
Formato encontrado: Foto-opinião	
Formato Coluna	Tipo Foto-Coluna
Formato Caricatura	Tipo Coluna-Caricatura
Formato Charge	Tipo Coluna-Charge

⁵ Ver Quadro 6.

Gênero interpretativo	
Formato Perfil	Tipo Foto-Perfil
Gênero diversional	
Formato História Colorida	Tipo Foto-História Colorida

Fonte: elaboração própria (MOURA, 2011)

Aqui é válido enfatizar que o estamos definindo como: **_Foto-Nota** é a nota informativa na qual a imagem fotográfica é o principal elemento. **_Foto-Notícia** é a notícia que tem a fotografia como foco da informação e o texto apenas explicativo e sucinto. **_ Fotorreportagem** é reportagem na qual a narrativa é realizada pela fotografia, que se constitui como o principal elemento e o texto apenas explica a imagem. Normalmente é extensa e aprofundada e excede os limites informativos de uma notícia. **_Foto-Coluna** é a coluna na qual a principal informação é veiculada pela imagem fotográfica. As colunas de *O Cruzeiro* apresentavam conteúdos variados ou mesmo segmentados e muitas são, puramente, fotográficas. **_Coluna-Charge:** são secções de charge fixas no periódico, podendo publicar uma ou mais charges. **_Coluna-Caricatura:** são secções fixas que veiculam caricaturas do cotidiano através de ilustrações ou mesmo de textos curtos. O Formato localizado por nós na publicação estudada, **Foto-opinião** refere-se à fotografia que aparece esporadicamente no periódico e tem como objetivo emitir opinião sobre um personagem ou um acontecimento.

Além destes, e, como visto no **Quadro 2**, localizamos um tipo do gênero diversional que caracterizamos como Foto-História Colorida e ainda um tipo do gênero interpretativo que chamamos de Foto-Perfil.

Por último, para o segundo momento analítico definimos como categorias de análise as temáticas que situamos no **Quadro 3** a seguir.

QUADRO 3- Categorias de Análise - Temáticas de *O CRUZEIRO*

Astros	Nacionais Internacionais
Cinema	Nacional Internacional

Cultura	Artes Plásticas Artes Cênicas Fotografia Literatura Música Outros
Educação	
Esporte	Futebol Outros
Política	Nacional Internacional
Saúde	
Sociedade	Nacional Internacional

Fonte: elaboração própria (MOURA, 2011)

É válido esclarecer que as temáticas foram escolhidas considerando que são assuntos que compõem os principais valores notícias do jornalismo.

O Perfil de *O Cruzeiro*

A revista *O Cruzeiro* como revista semanal ilustrada, possuía muitas fotografias, o que possibilitava a leitura a várias pessoas, independente da idade e abria as portas para um novo público emergente (na época), a mulher, através das variadas colunas existentes e voltadas para esse segmento do público.

Seguia uma linha editorial concisa e popular para que pudesse ser compreendida por todos os públicos, atingindo um número maior de leitores. A pauta era baseada em fatos prováveis e de aceitação garantida, e as fotografias excediam o limite de uma página, chegando às vezes a tomar quase todo o espaço, deixando o leitor encantado.

É fato que muitos estudiosos (Morais, 1994, Bahia 1990a, CARNEIRO, 1999 e, outros) ao discorrerem sobre a história desta revista ou, sobre a história do jornalismo citando esta revista, destacam-na pelas suas reportagens fotográficas que era praticada, principalmente, nos anos de 1950 e, também pelas duplas de repórteres e repórteres-fotográficos. É notório que a fotorreportagem nessa revista apareça como um diferencial, algo antes não explorado neste país, trazendo através do seu amontoado de imagens informativas novidades de todo as partes do mundo para seus leitores. Concordamos com esses autores sobre a revista ter tido bastante notoriedade em função de suas fotorreportagens e decerto foi *O Cruzeiro* quem introduziu uma linguagem de fotorreportagem no país. Mas devemos destacar que não era apenas este formato de

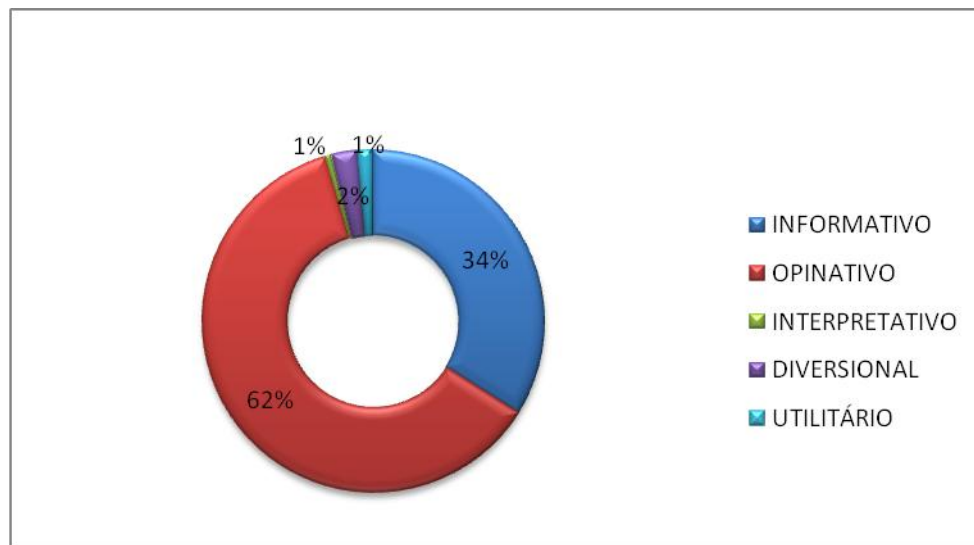
jornalismo que fez o sucesso da revista e, nem era o gênero informativo o gênero que predominava em *O Cruzeiro*.

De acordo com a pesquisa que ora se finda, pode-se notar que o jornalismo predominante nesta revista era o jornalismo Opinitivo com seus respectivos formatos, pois quase todos marcaram presença na mesma, como pudemos verificar nas páginas anteriores. Por outro lado, o status de revista ilustrada lhe proporcionava a liberdade para tratar de todo e qualquer assunto e a qualquer momento, prerrogativa que de fato ela se utilizava muito bem, como visto durante o processo analítico ora concluído.

Gêneros Todos os Períodos

Considerando que foram investigados 51 exemplares da revista *O Cruzeiro*, totalizando exatas 2.000 unidades de informação, das quais 679 eram informativas, 1.231 opinativas, 11 interpretativas, 49 diversionais e 30 utilitárias, concluímos que a publicação apresentava de fato um jornalismo muito mais Opinitivo. O gráfico a seguir apresenta uma visão panorâmica dos gêneros em *O Cruzeiro* ao longo do período compreendido entre 1928 e 1975.

GRÁFICO 16- Gêneros Jornalísticos em *O Cruzeiro* – Todos os Períodos



Fonte: elaboração própria (MOURA, 2011)

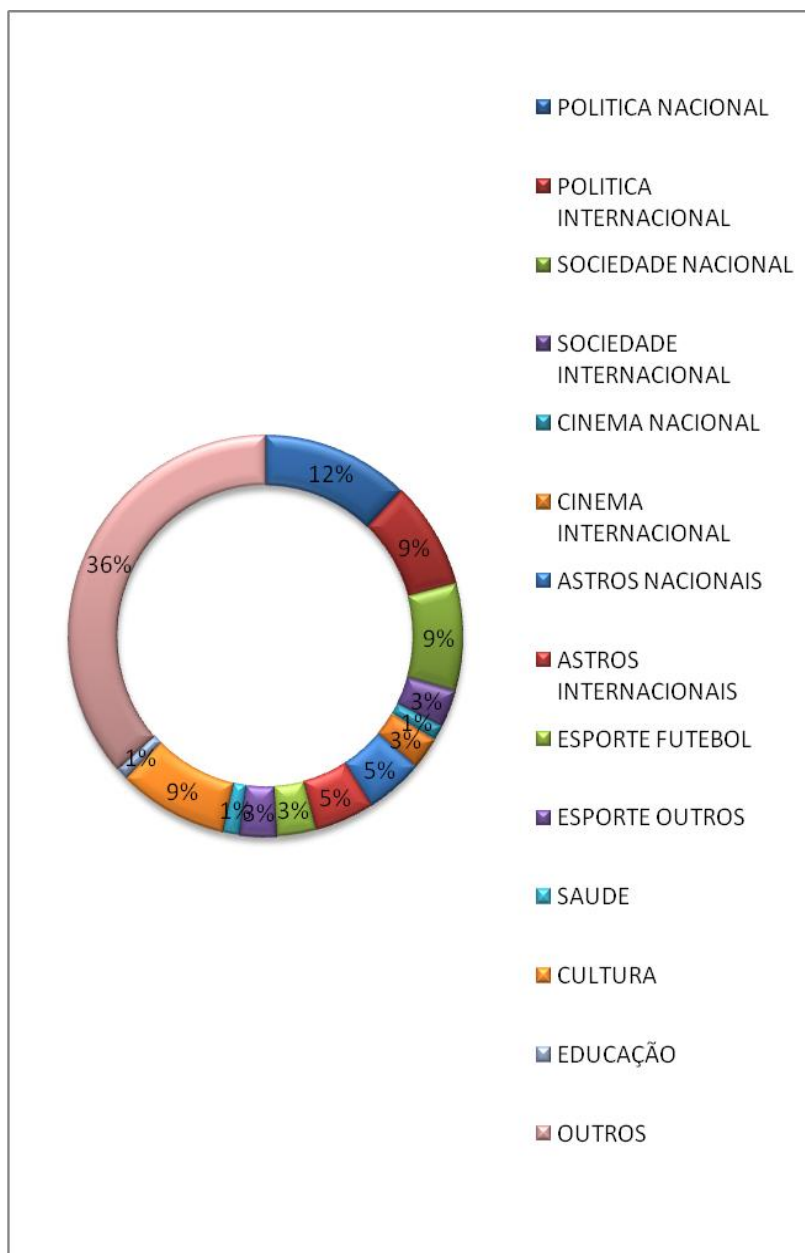
Temáticas Todos os Períodos

Coincidindo com o número de unidades de informação, também foram analisadas 2.000 unidades de conteúdo ao longo de toda a pesquisa. O que nos mostrou que embora a revista tenha iniciado sua carreira como uma publicação voltada para os temas mais frívolos da sociedade como visto na análise do primeiro período, ela termina

por focar a maior de suas unidades de conteúdo nos segundo e terceiro períodos, nos temas relacionados à política nacional.

Assim, ao final, quando computamos todas as unidades de conteúdo analisadas vemos que é exatamente a política nacional que prepondera com 12% ou 242 UC, seguida pelos temas relacionados ao segmento cultural com 9% e 178 UC e pela política internacional que com 175 UC também fica com 9% das matérias jornalísticas. O próximo gráfico facilita a nossa compreensão do perfil de *O Cruzeiro* no que concerne aos assuntos tratados ao longo dos quase 47 anos em que realizamos nossa investigação.

GRÁFICO 17 – Temáticas – Todos os Períodos



Fonte: elaboração própria (MOURA, 2011)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faço minhas as palavras de Glauco Carneiro (1999, p.340),

Numa época em que não existia fax, telex, avião a jato, satélite ou computador, os repórteres de *O Cruzeiro*, utilizando avião a hélice, cabogramas e telefones demorados, conseguiram fazer de sua revista uma publicação atualizada, porque antecipavam os acontecimentos e criavam fatos, produzindo uma informação muito mais quente e substancial do que a imprensa comum e até das agências internacionais.

Constatamos com este estudo que a revista *O Cruzeiro* trouxe a mais completa, variada e abrangente descrição do século XX através dos seus diversos gêneros jornalísticos (formatos e tipos) e dos temas que comumente apresentava à sociedade. A ascensão dessa publicação produziu decerto, grande impacto na prática do jornalismo brasileiro. Foi um semanário que serviu de espelho e inspiração para o surgimento de novas publicações. Quem por lá passou, carregou consigo uma grande bagagem de conhecimento jornalístico.

O presente trabalho realizou o mapeamento da revista *O Cruzeiro* tendo como foco os gêneros jornalísticos. Nesse contexto, percebemos que foi de extrema importância a presença dos gêneros, sobretudo, o informativo e o opinativo, na prática do objeto de estudo em questão, pois estes serviram e servem como horizonte de expectativas para o leitor. Concordamos, portanto, com a afirmação de Martinez-Costa (1989, p. 108) para quem, os gêneros jornalísticos “ [...] orientam o leitor e lhe proporcionam um pacto de leitura, para que entenda com maior clareza qual é a atitude com que o jornalista afronta a realidade e que finalidade tem ao escrever”.

Deste modo, cientes de que aqui não encerramos as possibilidades de exploração da grande “selva” informativa de *O Cruzeiro*, mas conscientes de que nosso esforço foi grande e de que nossos objetivos foram alcançados, esperamos que este trabalho possa vir a contribuir para novas pesquisas tanto sobre a revista como sobre gêneros jornalísticos nas publicações brasileiras



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCIOLY NETTO. **O império do papel**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. v. 1: História da imprensa brasileira.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. 1967. f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF. 1967.

_____. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

_____. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

_____. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980a.

_____. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980b.

_____. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI / Catédra Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional / Edições Omnia, 2006.

_____. **Teoria geral da comunicação**. 3. ed. Brasília: Thesaurus, 1982.

BONINI, Adair. Gênero textual / discursivo: o conceito e o fenômeno. In: CRISTÓVÃO, Vera L. Lopes; NASCIMENTO, Elvira L. (orgs.) **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004, pp. 205-231

CALDEIRA, Jorge *et al.* **Viagem pela história do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeira: a história dos Diários Associados**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG; Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.

_____. **Jornalismo, compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. **Anotação sobre gêneros na comunicação de massa**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1º sem. 2010. (Anotações de aula).

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORIN, Violette. **Tratamiento periodístico de la información**. Barcelona: ATE, 1974.

SEIXAS, Lia. **Um estudo das práticas discursivas no ambiente digital**. 2004. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/28326490/Generos-Jornalisticos-Digitais>>. Acesso em: 13 dez. 2010.

SOUSA, J. P. **Elementos de jornalismo impresso**. 2001. Biblioteca *On-Line* de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>> Acesso em: 21 nov. 2010.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. **Jornalismo de serviço: o gênero utilitário na mídia impressa brasileira**. 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP. 2009.